

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

SANTOS, Antonio Carlos dos. Antonio Carlos dos Santos (Vovô) (depoimento, 2006). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 22min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre SOUTH EXCHANGE PROGRAMME FOR RESEARCH ON THE HISTORY OF DEVELOPMENT (SEPHIS) . É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Antonio Carlos dos Santos (Vovô)
(depoimento, 2006)**

Rio de Janeiro

2020

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador(es): Amilcar Araujo Pereira; Verena Alberti;

Levantamento de dados: Amilcar Araujo Pereira; Verena Alberti;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Amilcar Araujo Pereira; Verena Alberti;

Técnico de gravação: Marco Dreer Buarque;

Local: Salvador - BA - Brasil;

Data: 16/09/2006

Duração: 1h 22min

Arquivo digital - vídeo: 2; Minidisc: 2; MiniDV: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto "História do Movimento Negro no Brasil", desenvolvido pelo CPDOC em convênio com o South-South Exchange Programme for Research on the History of Development (Sephis), sediado na Holanda, a partir de setembro de 2003. A pesquisa tem como objetivo a constituição de um acervo de entrevistas com os principais líderes do movimento negro brasileiro. Em 2004 passou a integrar o projeto "Direitos e cidadania", apoiado pelo Programa de Apoio a Núcleos de Excelência (Pronex) do Ministério da Ciência e Tecnologia. As entrevistas subsidiaram a elaboração do livro "Histórias do movimento negro no Brasil - depoimentos ao CPDOC." Verena Alberti e Amilcar Araujo Pereira (orgs.). Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FGV, 2007. A escolha do entrevistado se justificou por ser fundador e presidente do bloco afro Ilê Aiyê, fundado em 1974, que adquire grande importância no que se refere à formação de uma "identidade negra", no Brasil. A entrevista ocorreu na sede do Ilê Aiyê, no bairro do Curuzu, Salvador, Bahia.

Temas: África; Cultura brasileira; Guiné-Bissau; Imprensa; Menor carente; Movimento negro; Racismo; Representações; Teatro;

Sumário

Entrevista: 16/09/2006

Disco 1: Origens familiares em Curuzu, Salvador; a trajetória de sua mãe, Hilda, e de seu pai, Valdemar; o ingresso na Escola Parque e as excursões na Caixa D'Água; a questão racial presente na Escola Parque; o despertar racial presente já na família de Antonio; o processo de formação de Ilê Aiyê; a importância do bloco Ilê Aiyê na valorização do negro; o processo de representação da África no imaginário social; o processo de seleção das pessoas racializadas para participar do bloco Ilê Aiyê; mais informações acerca da Escola Parque; o curso profissionalizante de Patologia Clínica realizado no Colégio Anísio Teixeira e a aprovação no vestibular para Escola de Engenharia Eletromecânica; as primeiras experiências profissionais após o ingresso em Engenharia Eletromecânica e a questão racial nas relações de trabalho; o trabalho na Cobaf; as aproximações e distanciamentos do Ilê Aiyê com distintas representações do movimento negro.

Disco 2: Origens do apelido “Vovô”; os reencontros e comemorações com colegas da Escola Parque; os anos de 1973 e 1974 na organização do bloco Ilê Aiyê; a criação da Noite da Beleza Negra e a escolha da Rainha do Ilê, já nos anos 1980; as despesas pagas pelos integrantes do Ilê Aiyê; os patrocínios para o bloco afro; a questão da representatividade negra no consumo; reflexões sobre a ascensão social de pessoas negras; informações sobre a vida da família do entrevistado.

Entrevista: 16.09.2006

Verena Alberti – Conforme a gente estava explicando a nossa ideia é começar um pouco do começo e ver um pouco da sua formação, da sua infância, em termos de formação e o que levou o senhor a constituir em 1º de novembro de 1974 o Ilê Aiyê, que já saiu no carnaval de 1975 pela primeira vez. V.A. - Então o Senhor nasceu aqui em Salvador?

Antonio Santos - Nasci aqui em Salvador, aqui no Curuzu mesmo, em 14 de junho de 1952, no bairro da Liberdade.

V.A. - E sua mãe é irmã Hilda?

A.S. - Mãe Hilda. Minha mãe nasceu aqui, a minha família mora aqui desde a década de 1930, a gente saía num bloco na Quinta das Beatas, e nós fomos uma das primeiras famílias daqui do Curuzu. E minha mãe é uma pessoa muito especial, uma mulher muito guerreira, muito batalhadora, é *muito* responsável por essa minha ... pelo que eu represento hoje.

V.A. - O Senhor é o primogênito da sua família?

A.S. - Sim, eu sou o mais velho.

V.A. - A gente entrou no site do Ilê e vemos aqui têm vários irmãos: Antônio, Odete, Vivaldo, Hildemara e Hildelice.

A.S. - Hildemara é falecida. Essa semana - quarta-feira - faz três anos que Hildemara morreu.

V.A. - Faleceu de doença?

A.S. - Doente. De câncer. Sou só eu, Dete, Vivaldo e Hildelice, que é a caçula.

V.A. - E moravam aqui no Curuzu?

A.S. - Todos sempre moramos aqui nessa Liberdade. Todos nascemos aqui. Só Hildalice que nasceu na maternidade, mas o pessoal dessa área aqui, todo mundo nasceu aqui nessa época em casa. Tinha a Dona Maria parteira aqui que ninguém ia para hospital. Só a minha irmã caçula que nasceu em hospital.

V.A. - E essa brotas, Quinta das Beatas, é aqui em Salvador?

A.S. - Não, é em outro bairro de Salvador.

V.A. - Sim. De onde veio a sua mãe?

A.S. - Sim, minha mãe nasceu lá.

V.A. - Certo. E casando já veio para cá?

A.S. - Não, veio para cá eu era garoto.

V.A. - E conheceu seu pai, Valdemar, aqui, aqui no Curuzu?

A.S. - É, meu pai trabalhava no Trapiche, meu pai era subgerente do trapiche, do trapiche de piaçava que tinha aqui em Salvador, o Nestor Aires, um dos maiores trapiches aqui de piaçava, mas depois o Trapiche faliu e eles perderam vinte e um anos. Meu pai perdeu vinte e um anos de serviço. Aí mudou, mudou tudo. Meu pai era subgerente, aí teve que trabalhar. Não estava dando mais para trabalhar na estiva, meu avô era estivador e meu pai foi ser varredor de rua. Já tinha filhos. Depois como já tinha instrução, depois foi promovido, quando passou a fiscal rapidinho. Mas ele de subgerente do trapiche foi ser, foi trabalhar na rua da prefeitura.

V.A. - E no *site* está escrito que ele foi alfaiate também?

A.S. - É, isso antes, ele também tinha a profissão de alfaiate também, isso mais na época de jovem dele, a época de alfaiate.

V.A. - E sua mãe trabalhava em casa, mais?

A.S. - Trabalhava em casa. E minha mãe, depois disso vendia comida. Vendia comida em fábricas. Vendeu muitos anos de comida. Criou a gente vendendo comida nos Fiais aí no Largo do Tanque, perto de São Caetano.

V.A. – Nos Fiais?

A.S. - Fiais é uma fábrica que trabalhava com aqueles sacos de aliagem, essas coisas. Ela vendeu muitos anos comida ali. Quando chovia enchia tudo de água, água até a barriga. Tinha que passar com a cesta. A gente descia para ajudar. E depois ela vendeu comida também muito tempo na Luso Brasileira, no Retiro.

V.A. - Então fazia comida em casa e levava nas marmitas?

A.S. - É, levava. Não, levava as panelas e lá vendia, servia aos trabalhadores. Aí o pessoal pagava por mês, final do mês pagava.

V.A. - E a sua infância então foi aqui junto com seus irmãos?

A.S. - Minha infância foi aqui no Curuzu. Nós acompanhamos o crescimento disso aqui, ruas de barro, você tinha muita árvore, todos os terrenos aqui muito grandes, como esse daqui que nós compramos, o terreno de minha casa pega de uma rua na outra, mas as pessoas hoje a maioria vendeu, lotearam. A minha casa também pelo fato de ser um terreiro, nós nunca tivemos ... o interesse até hoje continua no terreno. Mas estudava, estudava aqui no Curuzu mesmo. Depois com nove anos eu fui estudar na Escola Parque, uma referência de educação, de formação, a questão de socializar as coisas foi na Escola Parque.

V.A. - Então, a gente queria entender um pouquinho mais. É a escola do Anísio Teixeira, não é?

A.S. - É, a escola modelo do Anísio Teixeira.

V.A. - Isso. Com nove anos o Senhor foi para lá?

A.S. – Foi.

VA - Como foi essa ... sua mãe conhecia?

A.S. - Não. Você se matriculou, abriu inscrição ...

VA - Mas ela tinha conhecimento da escola modelo?

A.S. - É, essa escola é uma escola muito grande daqui.

Amilcar Pereira - É onde?

A.S. - É na Caixa d'Água. Tem a Escola Parque e tem a Escola ... o Centro Educacional Carmela Ribeiro e têm as escolas classe, as escolas classe é a um, a dois e a três. A um fica aqui no Pero Vaz, a dois já no finzinho do Pero Vaz e a três no Pau Miúdo. Então atingia essas áreas. Você estudava, num turno você ia para a escola formal, para uma dessas escolas, e à tarde, se fosse pela manhã ou à tarde, você tinha que frequentar a escola Parque. Antes você podia estudar em qualquer outro colégio, aceitava. De 1962 pra cá começou só, para estudar na Escola Parque tinha que ser da Escola Classe. E aí conseguiu matricular eu e minha irmã na Escola Parque, e estudamos lá o primário e o ginásio. E lá coisa interessante é que você não tinha essa coisa de você ficar mudando de sala, você entrava numa sala, numa turma, você só mudava quando você concluía o primário. Então você tinha aquela convivência com os mesmos colegas sempre, as equipes. E a tarde ou pela manhã você frequentava a Escola Parque. Na Escola Parque você tinha acesso a trabalho, ao profissionalizante, você tinha Educação Física, um ginásio supermoderno. Tudo isso que nós vemos aí nos Jogos Olímpicos na Escola Parque tinha. Os equipamentos, você tinha biblioteca, muito bem equipada, teatro, música, então, Educação Artística, então tudo isso você ... aprender a trabalhar com banco, alimentação, cantina. Então a escola Parque ...

V.A. – Banco? Banco é banco financeiro mesmo financeiro?

A.S. - Banco sim, desde garoto.

V.A. - Como que era?

A.S. - Não, só tinha um banco para os alunos. Você tinha talão de cheques, esse negócio para que já desde garoto acostumasse a economizar, essas coisas todas, a investir. Tanto que depois eu concluí o ginásio, fiz admissão, daí eu saí, fui para outro colégio, mas minha grande referência, quando perguntam qual é sua formação eu digo eu estudei na Escola Parque. Esse modelo eu trouxe um pouco aqui para o Ilê Aiyê do jeito que nós começamos com os projetos sociais com as escolas para tentar fazer uma escola como a Escola Parque. Era uma escola muito atrativa, você gostava logo, você gostava de frequentar a Escola Parque. Não tinha evasão, tinha pouca repetência, porque se você saísse, se você perdesse ano, você saía da escola e ninguém queria sair da Escola Parque. Então era a convivência onde todo mundo estudava. Os professores também muito envolvidos com o ensino, com o dia a dia dos alunos, se envolviam com os problemas dos alunos e era uma escola, que por ser nessa área, ter cinco mil alunos, tinha a maioria negra.

V.A. - A maioria negra?

A.S. - É, essa área é muito de negros. Esse bairro da Liberdade é um bairro que tem mais de quinhentas mil pessoas, então aqui você tem pessoas aqui mais claras, pessoas aqui quase brancas, mas isso aqui no Curuzu – por exemplo – nós sabemos que a origem começou a invasão muito grande de cearenses aqui, então têm pessoas aqui mais claras, mas aqui é um bairro onde predomina a raça negra e a cultura negra, é um bairro muito de vanguarda, muita manifestação cultural e essa referência toda na época da escola eu tive, nós aprendemos.

A.P. - Muito interessante a presença de muitos alunos negros na Escola Parque, e é uma escola atrativa, uma escola modelo que os alunos gostavam de estudar, enfim, e havia alguma

relação com a questão racial dentro da escola, se fazia alguma atividade, alguma coisa relacionada?

A.S. - Não, não tinha atividade, mas você, a gente conversava muito sobre isso naturalmente, tinha os grupos aqui na Liberdade. Isso influenciou um pouco na fundação do Ilê Aiyê porque na Escola Parque com quatorze anos a gente já promovia muitos passeios, excursões, a gente saía. Eu nunca me considerei uma liderança, mas sempre, até pelo fato aqui da minha casa de ... a gente, antes de promover festas, então minha mãe cedia o barracão, então sempre a gente que estava na frente para organizar isso, as festas juninas, nós tínhamos grupos juninos. É, roupa igual para fazer a festa de São João; nós tínhamos o grupo de mortalha que saía carnaval, maior do que determinados blocos, botava um número muito grande de pessoas tanto daqui da Liberdade como do colega do colégio que sentava junto. Então você saía para ir para a escola e a gente ia andando, então saía por aqui se encontrando, um passando na casa do outro, um contingente muito grande, de fazer festa de São João, de comemorar aniversário e passeios, então nessa idade você já conseguia alugar ônibus com credibilidade, as famílias acreditavam na gente. Era eu na Escola Parque, já Guaracy, Gilena, depois aqui no Curuzu começamos a fazer eu mais Apolônio. E tudo isso foi que nós tínhamos tipo uma empresa que batizava os passeios da gente. Aí ficava “a zorra atacava novamente.” Sempre os passeios nossos eram muito concorridos, muitos nesses prédios aqui da baía Guarajuba, não sei o que, Itacimirim, hoje são condomínios fechados muito caros, mas tudo isso, nós fomos um dos primeiros a desbravar esses espaços aí, só tinham os nativos lá, pouquíssimas pessoas, turistas que tinham casas lá, terrenos baratos, se a gente tivesse ideia, naquela época, de empreendedor, até com as sobras dava para gente comprar um bocado de terrenos lá, mas a gente não ... até que surgiu na fundação do Ilê. Mas você sempre observava essas coisas na escola Parque, quando juntavam as pessoas que moravam aqui no Pau Miúdo, com Caixa d’Água, Cidade Nova e estudavam também meninos brancos lá, até assim de classe média, que as famílias conheciam, porque sabiam da qualidade do ensino, botavam para estudar lá, e depois teve uma época que meninos transferidos de outros colégios começaram a chegar, gente que veio de outros colégios. Mas nessa época essa questão racial você observava que tinha, como tinha determinados colegas nossos que falavam que iam namorar e aí sempre falavam que estavam namorando as meninas mais claras. Isso era observado na turma: “esse negão aí só quer namorar com branca, só diz que namora com branca”. Tudo isso é um pouco

da consciência que eu tinha, muito da formação em casa. Eu sempre em casa minha mãe, minha família, sempre cobrou isso de ter que estudar, que o negro ter que ser sempre um ponto na frente. Essa coisa que o negro sempre é vilão, então isso eu sempre ouvi em casa. E também nessa época tinha a influência, você já ficando rapazinho, do movimento negro americano, com toda a dificuldade da ditadura, mas a gente já tinha acesso na época das músicas que chegavam, dos discos, dessas festas nossas sempre, todos nós aqui usávamos cabelo black, todo mundo curtia era Brown. Todo mundo se vestia à moda do negro americano. Então tudo isso ... só que quando nós fundamos o Ilê Aiyê nós optamos pela África, nós vamos trabalhar com a origem, com a mãe África. Então nós viemos falar em Estados Unidos – tem um cartaz desse aí embaixo – deve ser, acho que foi em 1991 ou 1993 que viemos falar da América Negra. Na verdade, a ideia não era nem essa, a ideia era falar do sonho africano de Marcus Garvey, Marcus Garvey queria retornar com aquele navio, aí na discussão resolvemos falar da América Negra, falar sobre a evolução do negro americano, da época da escravidão, do ciclo do café, mostrando esse ciclo todo, mas a busca nossa sempre foi essa relação com a ancestralidade, com a África, com a religião, sempre foi mais forte.

A.P. - Nesse momento de formação, adolescência, durante a Escola Parque, você destacaria como duas influências importantes a questão em casa, não é?

A.S. - É, em casa porque você nos anos 1970, 1960 assumir que era de Candomblé era complicado, a própria comunidade negra fazia gozação, nego desfazia, chamava de feiticeiro, essas coisas todas. Sempre teve um sincretismo aqui, ninguém nunca deixou de ir na igreja, de ser batizado, na própria escola você tinha aulas de catecismo, porque a igreja sempre foi muito poderosa, tinha que rezar na igreja, tinha que fazer primeira comunhão e, às vezes, a gente ia fazer primeira comunhão só porque ia ganhar farda nova, então queria fazer até mais duas vezes, o pessoal não estava nem muito preocupado com a questão da religião. Mas você assumir que era de candomblé ... e em casa nós sempre assumimos, nascido num terreiro de candomblé, então não tinha como você dizer que não era. Então, essa coisa dessa consciência, dessa questão da luta, da resistência numa época que o candomblé era sempre muito perseguido pela polícia, você tinha que tirar licença na delegacia para fazer candomblé, então para gente não foi muito difícil. Uma vez eu estava falando com o pessoal, eu não estudei para ser negro, eu nasci negro, eu nasci numa família negra, então eu não fui para escola para

aprender a ser negro, diferente de muitos negros que até eu tenho consciência que ajudei a formar muita gente – não é formar, mas ter consciência – começar a ter orgulho de ser negro, se assumir como negro, complicado aqui na Bahia, aqui no Brasil. Você liga a televisão você vê tudo de bom é para o branco e tudo de ruim é relacionado com o negro. Então, esses anos todos uma coisa que nós não ... nós não tínhamos modelo de bloco afro, nós resolvemos fazer um bloco, eu mais Apolônio, um dia vindo da praia, todo domingo a gente ia fazer samba em Itapoã, no Mercado Modelo. Sentamos ali no lago, começamos a conversar, tinha essa ideia de fazer um bloco, mais um bloco, havia muito bloco na Liberdade. Pensou em fazer um bloco de índio, depois “Os brutos também amam”. Que a gente tinha um ponto aqui na Liberdade, onde tem o bar de Chico, até hoje está o [inaudível], onde a gente se reunia, e tinha também ali perto do Duque uma loja chamada Ipê, aí chamava turma da Ipê, a gente sentava ali, ficava batendo papo, sabia onde era as festas, esse negócio todo e no dia que nós resolvemos, sentamos num dia de domingo, aí sugerimos: “Vamos embora fazer um bloco só de negão? *Vamos*”, aí começamos a conversar, começamos a nos empolgar, um bloco afro, nós nunca tínhamos usado esse termo afro, aí eu desci, falei com a minha mãe, perguntei o que ela achava, porque essas coisas sempre funcionaram comigo assim, eu sempre perguntava à mãe, aí ela dizia “eu acho bom”, então vamos para frente, isso foi final de outubro, eu trabalhava na calçada, começamos a procurar as coisas, nos informar, a Federação, começamos a conversar com as pessoas, convidando umas pessoas, aí formamos uma diretoria, depois escolheu nome do bloco. Nós tínhamos um amigo, ele está morando até no Rio, Radovan, um belga que morava aqui na época, já tinha viajado pra África, tinha muito material, aí emprestou uma cartilha à gente com vários nomes em ioruba e com significado em português. Nós escolhemos cinco nomes, eu não queria Ilê Aiyê, porque na verdade eu queria um significado como “poder negro”, alguma coisa assim. Nós tentamos botar esse nome no bloco, mas fomos aconselhados pelo pessoal da Polícia Federal que não era bom, até porque na época da ditadura muito braba, que você sumia. Aí escolhemos, tinha “negro forte”, “rei negro”, mas eu comecei a ficar perguntando às pessoas e todo mundo escolhia Ilê Aiyê, aí eu virei, tirei o significado em português e deixei só em ioruba, mas continuou sendo Ilê Aiyê, aí eu também não mudei o resultado, apresentei o resultado ao pessoal para felicidade nossa, aí ficou.

A.P. - O que significa?

A.S. - Significa casa-grande, mundo negro. Aí o bloco, nós saímos com cem pessoas no primeiro ano, dificuldade muito grande, na verdade a partir do segundo ano em diante, 1976, 1977, os primeiros patrocinadores do bloco podia-se dizer que fomos nós porque a gente trabalhava no polo, o Apolo já trabalhava lá no polo, depois eu fui também e o polo petroquímico na época pagava muito bem, eu entrei como estagiário, depois eu estava solteiro, eu tinha vinte e um anos, então a gente tinha condição das coisas do bloco a gente mesmo bancar. Chegou uma época que o bloco tinha até, parecia um depósito de bebidas aqui, faltava cerveja, onde ia passando que vendia cerveja, ia comprando. Instrumento, tinha som próprio, coisa mais interessante, no segundo ano o bloco saiu com umas quatrocentas pessoas mais ou menos, no terceiro com umas setecentas e poucas e a partir daí nunca saiu com menos de mil. Porque depois nós limitamos em três mil pessoas, para poder ficar... porque é muito complicado, apesar de toda a experiência nossa. Hoje o bloco sai no automático, mas só nós aqui somos o único bloco que temos condições de dizer que só aceitamos negros e ainda cortar, porque os outros blocos afro também não conseguiram isso. Também nunca se preocuparam muito. No início, os blocos vieram com intuito de começar a trabalhar em cima dos nossos erros, já que nós não tivemos nenhum modelo, mas eles já tinham o parâmetro do Ilê Aiyê, tanto que eu falo que tem a cartilha do Ilê Aiyê; essa cartilha nunca foi escrita, mas todo mundo segue, todo mundo sabe qual é a cartilha. Teve uma vez que um pessoal falou que a cartilha do Ilê estava caduca, mas passou um tempo todo mundo voltou a ver que o modelo de bloco afro somos nós, tanto que me perguntaram noutro dia “por que do sucesso?” O sucesso é da cumplicidade, que eu sempre tive na resposta positiva do povo negro, então sempre acreditou nas coisas que eu me propus a fazer, que eu fui solicitado e eu nunca mudei o discurso. Nós nunca mudamos a filosofia do bloco, nós nunca fomos racistas, nunca discriminamos ninguém aqui, mas sempre afirmamos que nós somos negros, então as pessoas estranham o Ilê, porque a coisa aqui não é mascarada, todo mundo sabe que o Ilê é um bloco afro dirigido por negros e voltado para a melhoria de qualidade de vida de todo o povo negro. Hoje, no social, nós atendemos todo mundo, agora a filosofia do Ilê, se você vier estudar aqui, você vai sair um cara de formação, nós formamos cidadãos, formamos homens, agora você vai sair um cara menos perverso, com outra visão, nós não incentivamos que os garotos tenham ódio de branco, nem de índio, nós primamos pela igualdade, então aqui é tudo muito em cima da música. A música é um veículo condutor

muito importante aqui, então tudo aqui termina em samba, tudo aqui tem música. E nós só trabalhamos com as nossas músicas, a não ser que sejam músicas muito especiais no momento assim. Então aqui tem um festival de música que é o Festival de Música, acho que é o maior festival de música negra do Brasil, os compositores famosos daqui que fazem muita música pro pessoal de axé, mas todo mundo sabe que a música aqui é censurada; aqui tem música-tema, que é a música do tema do ano, que é a música que educa. Então nossa música não toca no rádio, mas desde a época do ensaio na rua, você ouvindo todo dia, vai aprendendo, vai repetindo e aquilo vai ficando gravado ali, então é a música que você informa, informa a nós e à cidade. Não só para educar o branco, para gente também, já que nós não tínhamos essa informação, não temos no dia a dia, no livro didático, então isso passa a informação. E tem a música-poesia, uma música que não fala de branco, nem de bem nem de mal, então não critica ninguém, não fala de Jorge Velho, mas você só fala de negro de forma positiva, então tudo de ruim que a gente sempre ouviu - que negro é feio, que negro fede, que negro é maluco, que o cabelo é ruim, que mulher negra tem o cabelo ruim – tudo isso nós... E palavras também que sempre foram usadas também para tentar macular a imagem do negro, nós sempre usamos de uma forma positiva. Então aqui por perto as pessoas perguntam “Por que a senzala? A senzala sempre foi um lugar de muito sofrimento”. Sim, foi um lugar de muito sofrimento, mas aqui é uma nova senzala, um lugar de alegria, de conforto, de beleza. A gente ensaiava na rua, aí um compositor chamou a senzala de bairro preto, ficou. Então, essa coisa do Ilê, o perfil azeviche do Ilê, essa é a marca nossa o perfil azeviche. O que é perfil azeviche? O perfil bastante negro, então tudo que você vê do Ilê Aiyê você vê a marca do ..., sempre tem o símbolo do perfil azeviche, os tecidos, tudo, então o que é o perfil azeviche? Isso sempre para você não ter dúvida de tudo que mostra de negativo na imprensa, na televisão, enfim e como nós sabemos, temos consciência de que nós somos uma entidade que é ouvida, que é ...

[INTERRUPÇÃO DE DISCO]

A.P. - Eu queria fazer uma pergunta. Eu fiquei pensando aqui: o Ilê, toda essa formação em casa e ao mesmo tempo você está ouvindo, está vendo essas influências americanas entrando, a coisa da música, o James Brown, vocês curtiam James Brown, e ao mesmo tempo você vai optar por um bloco afro, coisa da influência em casa e tal. Eu queria saber se as informações

sobre as lutas de libertação na África, sobre as questões que estão acontecendo também nesse momento, que é um momento de política e de conflito muito grande lá nas lutas de libertação, principalmente nos países de língua portuguesa, se essas informações chegavam também junto com as informações sobre os Estados Unidos, se isso teve uma influência nesse momento de formação do Ilê também?

A.S. - Isso de certa forma teve, tanto que nós optamos para sair sempre falando de temas negros e principalmente ligados com a África porque a gente tinha pouca informação sobre a África, até hoje a televisão mundial – não sei, acho que tinham uns dois canais mundiais aí que faziam isso, mas pararam. Nego para falar de África só fala de Tarzan, miséria, chita, corrupção, então você imagine que eu vim saber o que era a miséria mesmo do *apartheid*, em 1983, quando foi a primeira vez que eu saí do Brasil, que eu fui para Angola. Chego lá em Angola, o [inaudível] em guerra, eu no hotel, conversando, fiz amizade com o soldado e também no hotel de noite ficava bebendo, ia beber com um iugoslavo que estava hospedado no hotel também e que comecei a pegar os jornais. Aí você não tinha o que fazer à noite e ficava lá, até classificado eu lia do jornal, aí você via, porque aqui saía de vez em quando umas notinhas sobre o *apartheid*, aí lá pegando os jornais de Moçambique que eu vi, fiquei até meio assustado com tudo que acontecia no *apartheid* na África do Sul. Então você não tinha tanta informação assim, então o que nós fizemos foi começar a reescrever a história. No ano passado nós tivemos o tema “O negro e o poder”, mostrar essas figuras que estão, que estiveram, mostrar que é possível. Esse ano o tema nosso – não sei se você já viu, está ali na parede bem grande na faixa ali – nós vamos mostrar quatro cidades africanas, quatro capitais africanas: [inaudível], Abuja, [inaudível] e Abidjan. Então são quatro capitais africanas, cidades dirigidas por negros bem-sucedidas, que têm todos os problemas também. Abidjan, mesmo com a Costa do Marfim está tendo conflito porque uma coisa que inibe, que mascara aqui no Brasil é porque aqui não tem conflito racial, então todo mundo acha que aqui é mil maravilhas, aqui, principalmente na Bahia é a terra da felicidade, terra do axé, todo mundo, somos todos irmãos. Basta você passar algumas horas aqui para você ver a diferença, então. Mas as informações sobre África são bem mais difíceis do que...

A.P. - Estados Unidos.

A.S. – Estados Unidos. Passava aqueles documentários África Deus, não sei o que, matança de animais, mas até hoje ninguém mostra uma imagem de cidades bem desenvolvidas, África cidade moderna. Eu estive em Abidjan em 1986, fiquei num hotel cinco estrelas que eu nunca estive aqui no Brasil. Então o pessoal fica, “mas na África”... como quando o presidente Lula esteve lá ele fez uma declaração “pô, nem parece que está na África”, mas é a influência de como a África é mostrada. Aqui na Bahia teve um carnaval que o tema foi África aqui, em Salvador, depois no ano seguinte nós fizemos o tema também “África, o ventre fértil do mundo.” Mostrando a contribuição que a África deu para civilização e que tudo é transferido para os europeus e a África que mostraram aqui foi só figuras tribais, essas coisas, elefante, onça, tigre, então é isso que ... então nesse mesmo ano, em 1986, eu fui, eu estive em Benin. Eu estava vindo de Benin, nós fizemos escala em Abidjan e quando nós chegamos lá com tecido, com tantas informações, eles lá ficaram pirados sem saber como é que a gente sabia aquela história toda certinha... aqui eu estava agora, essa Regina Casé foi para Moçambique e levou um tecido, quando mostrou lá os africanos ficaram tudo “pô” com as informações tão exatas que a gente conseguiu. Eu estava, acho que foi 1998 ou 2000, eu fui para os Estados Unidos a convite da Usia e fui lá, eu fui em cinco estados e cheguei em Los Angeles eu fui conversar com ... acho que foi Los Angeles que eu fui conversar ou foi em Washington – eu fui conversar com um cara do centro islâmico lá, aí quando eu estava lá conversando com o cara, que eu fui ele disse que não tinha tempo, era para ser meia hora de conversa ele ficou duas horas mais ou menos porque ele me mostrando que a filha dele chegou na escola e foi saudar, aquela saudação que eles fazem à Meca naquele horário, aí disseram à menina que ela tinha que botar areia nas costas porque eles botavam areia para esfregar o nariz. A menina chegou em casa perguntando ao pai pela areia: “cadê a areia?” Aí quer dizer, o professor despreparado estava ... o cara resolveu, mas ele e os caras poderosos quer dizer, eles reuniram um grupo lá e bancaram o livro do segundo grau de toda a Califórnia e cheio de, com muitas informações, eles bancaram tudo, foi aprovado e realmente muito mais qualificado, com informações muito mais – ele é especialista, ele estava me mostrando um livro e tem uma parte que estava falando sobre África e tinha informações sobre Gana, o reino do Mali, sobre reino do ouro, império de Mansa Musa, em 1983 o Ilê falou sobre isso. Aí de repente ele falando, aí eu comecei também a falar, eu tinha informação que o livro não tinha, aí o cara ficou assim “de onde vêm essas informações? Rapaz, essas informações eu peguei pesquisando com o tema de carnaval, com o tema de carnaval que me informou e nós

informamos a cidade.” E agora nós começamos a pegar esse material, há uns doze, quinze anos atrás, e transformar em caderno de educação e utilizamos nas escolas, mas ainda é muito pouco aproveitado isso. Quando a gente fala na Lei 10.639, isso nós já fazemos isso há trinta anos, mas é o que nós estamos falando com ... , agora que nós estamos apoiando o Lula, o presidente Lula, que a gente quer mudança, mas mudança concreta, não só de votar que não adianta a gente eleger o cara e continuar esses assessores que eles têm aí despreparados, racistas, preconceituosos, então a gente quer é negro participando para ajudar o Brasil a ficar mais plural, um país que tem a sua realidade, não que a gente tenha que botar só negros sabe? Então a gente tem que pesquisar. Têm pesquisadores como vocês e outros aí que não são negros, mas que estão envolvidos, que têm outra visão e podem colaborar muito com o Brasil, para o Brasil mostrar a sua cara. Hoje, até hoje, o Brasil, um país de maioria negra, você tem muito pouco contato com a África. Os embaixadores africanos - tive uma reunião com esses embaixadores aí - ficam reclamando que não têm contato com a África, a primeira vez que um governo brasileiro está tendo um pouco mais de aproximação é esse governo de Lula, mas assim mesmo você não consegue indicar embaixadores negros, pessoas negras para trabalharem lá. Na embaixada agora foram designadas vinte e três pessoas para trabalharem na África, todos brancos. Os caras ficam reclamando, não tem. O contato direto você está conseguindo agora porque sempre o governo evita que faça contato, diz que é perigoso, para não vir, então tira os caras de evento, de trocar informações. O próprio negro americano se queixa, quer dizer, a falta de tato, de competência mesmo na área do turismo brasileiro que não tem coragem de fazer um turismo ético, de convidar a comunidade negra que tem muito dinheiro, que viaja e eles fazem sempre aquelas coisas de ir para restaurante, churrascaria, e os caras não querem ver isso, eles vêm por conta própria, vêm para aqui para o Curuzu, vão para Cachoeira, mas não que eles incentivem, então sempre querem mostrar mulheres loiras. É, enquanto eles continuarem racistas, num país capitalista, eles primeiro são racistas para depois serem capitalistas, aí o racismo está muito mais forte, então a gente ainda vai sofrer um bocado aí.

V.A. – O Senhor foi para os Estados Unidos a convite de que?

A.S. – Da Usia. É um órgão do governo americano que sempre convida pessoas para ... é uma organização governamental, fica em Washington.

V.A. – Está certo. Eu só queria esclarecer. É, vários projetos sociais – se eu entendi bem – vocês aceitam pessoas que não sejam negras, é isso?

A.S. – Qualquer pessoa que precise, que procure a gente, a gente atende aqui. Agora para o carnaval ainda não, então as pessoas às vezes confundem que têm pessoas antes no início do Ilê só saía nego preto, vamos dizer. Hoje as pessoas estão mais porque as pessoas não se assumiam, então as pessoas tinham um pouco mais que era negro, mas que não se assumia que era negro; chegavam aqui e a gente barrava eles mesmo. Eles iam para sair no bloco de trio, eles eram barrados, aí eles tinham que se decidir o que é que eles eram.

V.A. – Por quê? O bloco de trio barrava os pardos, os chamados pardos?

A.S. - Barravam. Não, têm blocos aqui que só sai brancos. E não é só branco, o cara tem que ser branco classe média, tem que estudar, não pode ser o branco da Liberdade, que estude por aqui em Duque de Caxias, na Escola Parque, ele tem que estudar nas escolas mais caras daqui, eles têm que morar no bairro considerado nobre, então o pessoal tem a turma deles, tanto que eles vendem as fantasias nesses locais para evitar a mistura. Então, tem bloco também que não aceita gordo, que não aceita baixo, que não aceita mais de trinta, mais de trinta, têm blocos que jovem e com dinheiro, então ...

V.A. – Então hoje em dia os chamados pardos pelo IBGE, eles são aceitos no bloco do Ilê Aiyê?

A.S. – São. Sim, se eles se assumirem como negros, sim. Então, aqui às vezes confunde a cabeça das pessoas: “Ah! Aquele não é tanto!” Mas chega uma negra americana aqui, uma menina clara, mas negra porque lá é bem definido isso. Então aqui tem uma menina aqui que vem para aqui ela é mulher de um menino aqui da banda – é Joia - filha de Ramisez, ela é clara, tem a pele clara, mas Joia ... a mãe dela é uma negona jamaicana, o pai dela é branco, e aí os caras ... , chega aqui a pessoa, mas, poxa, se chamar ela de branca, ela vira onça. Tinha uma outra menina também que esteve aqui. Esqueci o nome dela, ela é bonita, tem os olhos esverdeados, não sei o que, chegou aqui ela, e ela era ligada aos Panteras Negras, tinha uma

influência muito forte, simpatizante, mas têm pessoas aqui pesquisadores, aquele pessoal que trabalhava em órgãos negros aqui, que cuidava da cultura negra que falou com a menina que era bobagem dela: “pare com essa bobagem de você dizer que é negra”, e ela queria brigar quando diziam que ela não era negra, aí até quando a mãe dela ... a escola ainda funcionava na casa de minha mãe ... aí a mãe dela veio para aqui também, ela estava estudando aqui, a mãe dela ficou aqui um período dando umas noções de Inglês, aí a mãe dela, uma negona do meu tamanho, rasta, aí o pessoal, até para as crianças quando ela dizia que era negra o pessoal, os meninos ficavam assim, mas foi muito bom na formação dos meninos aqui na época, mas hoje as pessoas já se assumem como negras, mas hoje também tem que ter o cuidado por causa da questão das cotas, muita gente fica dizendo que é negra por causa das cotas, mas carnaval aqui o pessoal, nego chega aqui quer sair no bloco, “ah! Eu saio?” Você que sabe, você é negra? Aí se o cara, “ah, eu não sei”, “eu gosto”, aí já está cortado, não tem conversa.

V.A. – Só para esclarecer também. É, quando o Senhor estava na Escola Parque, o Senhor estudava na tal escola de classe e ia, quer dizer, e era ...?

A.S. – Estudava. Você tinha ... era o dia todo. Eu estudava de manhã na escola I e de tarde ...

V.A. – Ia para as atividades da Escola Parque. Então a Escola Parque não era um ensino normal do currículo, estudar Português e Matemática, não?

A.S. – Não, a Escola Parque é tipo um complexo que nós chamamos de Escola Parque. Eu estudo na Parque. Agora saía da classe, escola classe 1, da 2 ou da 3 e quando você ia para o ginásio, a escola IV, lá dentro mesmo. Então se você estudasse de manhã, à tarde você tinha que frequentar a Escola Parque, se você estudasse de tarde vice-versa. Aí lá você tinha as atividades complementares, você tinha Educação Física, que a gente chamava de recreação, você tinha aula de canto. No dia de recreação você tinha canto, você tinha os horários para canto, para você ... você tinha biblioteca, então incentivava a leitura, você tinha teatro e você ainda tinha o setor de trabalho aquelas coisas do setor de trabalho que você aprendia, você tinha alfaiataria, carpintaria, modelagem, trabalho com couro, você fazia artesanais,

cartonagem, você trabalhava com essa coisa do ... naquela época a gente não sabia direito o que era, mas já trabalhava com reciclagem na Escola Parque, tinha tudo isso.

V.A. – E almoçava lá?

A.S. – Lá almoçava também. Você tinha merenda e tinha na escola classe, lá tinha merenda, naquela época a Escola Parque já servia refeição, então as famílias pobres já eram ... então muitas vezes a gente não vinha nem em casa, saía da escola e ia direto porque também nesse intervalo a gente aproveitava para jogar bola, até chegar o horário. Você tinha setor de trabalho masculino, tinha o das meninas, no final do ano esse trabalho, isso aqui nós fizemos até aqui também, os cursos profissionalizantes, depois quando fecha nós fazemos exposição, ainda não fizemos o que eu vou fazer, porque na Escola Parque o trabalho, a inscrição era comercializada os produtos que nós fazíamos durante o ano e uma parte dessa renda ficava para nós e outra ficava para Escola para investir na manutenção ...

V.A. – E a escola era pública?

A.S. – A Escola era pública. E além disso tudo você ainda tinha uma área verde muito ..., eram quarenta mil metros de área, então tinha dias que a gente chegava lá, quando a gente ia chegando de manhã, tinha gente que morava mais perto que já estava saindo com os baldes de cajá para levar para casa, para levar para feira para vender, para ajudar na renda, outros para fazer abafa banca, para vender em casa.

V.A. – O que é? Abafa?

A.S. – Abafa banca. É tipo um geladinho, um picolé que o pessoal fazia nas cubas de gelo, um suco com frutas que as pessoas vendiam com coco. E lá você tinha manga, tinha jambo. A gente fala que o pé de jambo, por exemplo, o pé de jambo lá você comia a folha, a flor e o fruto. A flor do jambo é muito gostosa, a gente comia e a folha do jambo também, ela bem verdinha é muito azedinha, a gente comia também essas folhas, então você ficava lá, a escola tinha tudo de bom, também fazia com que você ... ninguém queria sair, se um cara fosse expulso da Escola Parque era um comentário.

V.A. – Agora, tinha muita disputa de vagas?

A.S. – Tinha, tinha muita disputa de vaga. Por isso que ninguém queria sair [riso]. E não tinha essa coisa de restrição: “ah! Só pode trabalhar um, estudar um”. Podia a família toda se conseguisse.

V.A. – Pois é. Seus pais então se informaram, sabiam o que era uma boa escola?

A.S. – É, porque aqui já tinham meninos que estudavam na Parque.

V.A. – Já tinham uns meninos?

A.S. - Já tinha uma turma aqui da minha turma que já estudava na Parque. “Ah! A gente estuda na Escola Parque.” Aí minha mãe se informou, nós fomos lá se matriculou, disputou e nós conseguimos. A fila era muito grande, pegar ficha para se inscrever, fazer – não me lembro – parece, não me lembro, não sei se tinha seleção.

V.A. – Agora aqui no site do Ilê tem que o Senhor fez cursos de Patologia Clínica e Engenharia Eletromecânica.

A.S. –Foi, eu fiz. Depois da Escola Parque eu fui estudar no Anísio Teixeira. Eu fiz patologia e ...

V.A. – Anísio Teixeira é o quê?

A.S. – É outro colégio, não é o Escola Parque, é o colégio Anísio Teixeira. O Colégio Anísio Teixeira fica na Ladeira do Paiva.

V.A. – Ladeira do Paiva?

A.S. É. Aqui na Caixa d’Água, perto do [inaudível]. Eu fui estudar no Anísio Teixeira.

V.A. – Aí já era ginásio?

A.S. – O que? Não, já era segundo grau.

V.A. – Colegial? Nesse sentido? Classe?

A.S. – É. Você fazia o seu colegial e tinha o profissionalizante que era patologia clínica. Aí depois eu estava lá, aí abriu o vestibular na Escola de Engenharia Eletromecânica, aí eu fui, passei, mas estudei até o segundo ano. Aí foi quando eu fui para o polo, aí saí de lá, fiquei desempregado, saí, trabalhei no comércio. Eu fui pedir um vale um ao cara aí, o gerente: “ah! Qual é? Você é muito folgado, vou mandar você para rua!” [riso]. Aí eu tinha passado na Escola de Eletromecânica e estava lá comemorando com os filhos dele que ele morava em cima da loja, um negócio ali, a mulher dele era argentina, os filhos eram mineiros, eles gostavam muito de mim, ainda mais que eu estudava, esse negócio todo, a mulher ficou de mal com ele, os filhos, “Qual é, negão? Botar você para fora?” Foi quando teve o concurso do polo, estava tendo seleção, estava sendo implantado aqui já e era uma concorrência muito grande, porque o pessoal, muito universitário estava indo para o polo e aqueles caras que trabalhavam no banco, andavam de paletó, de gravata, os caras todos atiradinhos. Mas nessa época a gente estudava em escola pública boa, então esses concursos para gente eram “fichinha”, a gente não tinha dificuldade. Foi uma turma de negão, eu, João Jorge do Olodum, Apolônio já estava lá porque Apolônio tinha se formado pela escola técnica, aí foi uma turma boa. Aí passamos nesse concurso, psicotécnico, teste, fui trabalhar no polo, aí fui estagiar na Petrobrás porque você ganhava setecentos cruzeiros, setecentos contos por mês, depois passou para novecentos. Aí quando você começa a trabalhar eu saí do começo eu ganhava dois mil e quatrocentos por mês, aí você começa a ganhar onze mil mensais. E você fazia muita hora extra porque era na área de manutenção. Às vezes, você estava em casa, os caras vinham te buscar, você ficava dois, três dias lá no final de mês, final de semana era cem por cento. Então chegava no final de mês o salário vinha lá em cima, então você ... agora no polo também começa a ter uns problemas de classe, porque os caras começam a trazer as pessoas de fora, porque acham que o baiano é preguiçoso, e a gente começa a observar que na classificação de promoção operador você tem 1, 2, 3. Tem lugar que é 3, 2, 1. Aí o mais

baixo operador é o 3, operador 1, aí depois dali você passa para encarregado, supervisor e a gente começou a observar, Billy [inaudível], que a gente nunca era promovido, então sempre promoviam os caras brancos, os caras que eram mais chegados ficavam lá no painel e dizendo que a gente era preguiçoso. A gente produzindo para caramba, todo mundo competente, com aquela zorra lá para frente e os caras, aí começa a ter os problemas, você fica sendo observado como agitador, ainda mais por causa do Ilê Aiyê, que eu sempre estava conversando com os negões, depois eu fui trabalhar na Cobaf.

V.A. - O que é que é Cobaf?

A.S. - Cobaf é uma outra empresa do polo que trabalha com fibras sintéticas, lá fabricam chips, fios de nylon, aqueles fios que gera, que faz pneu. E os caras, até tem pouco tempo, eu fui homenageado porque na época que eu trabalhava lá os caras tinham que comprar chips, os chipzinhos para poder produzir os fios de nylon que preparam aquelas coisas para fazer pneus e eles, um funcionário de lá, um encarregado criou um método que a produção de lá aumentou e não precisou comprar, não precisava mais comprar e ainda estava vendendo o sobressalente e eles começaram a dar uma participação de lucros aos funcionários também. E foi da área que eu trabalhei lá, no início do processo, na poli, na poli-hidronização e aí fizeram um programa lá para indicar pessoas, pessoas que cresceram, que foram bem-sucedidas, que conseguiram, e eu fui escolhido pelos funcionários, eu passei lá, mas sempre fica marcado. Os caras falam muito porque eu fui funcionário de lá muito tempo, então eu fui escolhido, lá eu recebi uma homenagem, a banda foi tocar lá, queriam me dar prêmio. Rapaz, eu não quero prêmio, não. Você quer dar prêmio, então eu preciso de computador, de material lá para a entidade, aí me deram uns três computadores. Mas é essa referência do polo, mas o polo hoje está muito complicado, pessoas morrendo lá de doença.

V.A. O Senhor ficou lá até quando?

A.S. – Eu fiquei, eu trabalhei no polo de 1976 até 1981. Em 1981 eu fui demitido porque eu perdi o carro, morava no Largo do Tanque e foi dia de festa, festa da Conceição, festa de Largo aqui e aí o carro passou mais cedo, não tinha nenhum movimento na rua, quando eu descii não sabia o horário para dar zero horas, negócio de turno, o carro tinha passado e eu não

consegui pegar o carro de noite, aí voltei para casa e fiquei, capaz de eu ir para rua, quando chegou lá na segunda, no outro dia, o primeiro era oito e dezesseis, aí eu perguntei ao cara, Santos, o cara do setor pessoal: “e aí? Nada. Até agora cadê seu cartão?” Os caras eram perversos, você deixava o cartão lá, você trabalhava e quando você ia bater para sair o cartão não estava mais lá, você já sabia, que você era para assinar a demissão. Aí eu saí de lá, também foi a última vez que eu cortei o cabelo [riso].

V.A. - Foi em 1981? Ah, é?

A.S. – Nunca mais eu cortei o cabelo. De vez em quando eu cortava, a última vez que eu cortei o cabelo foi em 1981. Nunca mais eu cortei o cabelo.

V.A. – Por que? Para trabalhar tinha que ter cabelo curto?

A.S. – Não, não tinha essa coisa não. Porque eu usava cabelo rasta lá. Porque de vez em quando eu cortava, mudava o penteado, botava *black*, mas aí de 1981 para cá, mas lá não tinha essas coisas não, é porque essas coisas também vai da peãozada, se a peãozada não for organizada e deixar os caras fazem, controla mesmo, e lá a gente não deixava os caras criar essa asa em cima da gente, não. Ainda mais o movimento aqui já estava bem forte, não tinha tantos blocos assim, mas já era já consolidado o Ilê Aiyê então não tinha muito ... aí eles até utilizavam isso, a imagem, de saber que naquela época você estava sempre dando entrevista, eles tinham um jornal porque essa empresa é holandesa, aí veio jornal, gente lá da Holanda para me entrevistar, então eles também sabiam usar isso: “ah! profissional daqui que é reconhecido, diretor de entidade carnavalesca, ah!”. Sabiam manipular com isso direitinho.

A.P. – Você falou que o movimento já estava forte, então eu queria até te perguntar sobre isso. A partir de 1974, 1975, principalmente, o Ilê se torna uma referência nacional de bloco afro. A gente tem relatos de pessoas de vários estados que têm o Ilê como uma referência de bloco afro ao mesmo tempo o movimento negro está se fortalecendo, está se constituindo em outros estados também. Vocês ouvem falar aqui desse processo? De 1978, o MNU?

A.S. – É, em 1978 surge o MNU, e depois do surgimento do Ilê surgiram muitos blocos, surgiu blocos no Rio de Janeiro, nós fomos para lá ajudar a fazer o Agbara Dudu, surgiu o Alá Fiá em São Paulo, em Pernambuco, até hoje ainda tem o Akomabu no Maranhão, foi o único lugar que resistiu. No Rio tem bandas, eu estava conversando com Hélio Semog [sobre] essas coisas, no Rio a cultura da escola de samba não deixou o bloco afro se desenvolver, as pessoas também, não sei o que foi que houve, não conseguiram, mas é difícil porque só – tem umas coisas que só na Bahia mesmo que você consegue ter esse apelo forte e a negrada responder –, então com toda a coisa aqui do axé, do pagode, com toda a força da mídia que investe muito nisso, você chega aqui e vê que o jovem negro está participando dos blocos, ainda mais aqui. Você tem escolas hoje, os blocos também têm muito trabalho nas comunidades, então aqui bate muito forte isso, a questão do tambor, mas de 1975 para cá houve uma abolição muito forte, um despertar desse sentimento que a gente fala que era essa coisa que estava presa, guardada e de repente estava precisando alguém dar esse empurrão, porque o candomblé não conseguia fazer uma coisa assim tão popular, e o bloco Ilê Aiyê conseguiu fazer isso. Então você vê composições de caras que você nem imaginava, vê o cara no canto. Quer dizer, em 1976 a gente já falava de Zumbi aqui no Ilê e de forma positiva, não como Zumbi como um bicho feio, como a assombração do Zumbi, mas como herói negro, *em 1976*, então você vê pelas composições cada vez que passa, mas principalmente no final dos anos 1970 para 1980 que tem uma coisa muito forte, muito segura, o cara falando desse sentimento, do amor, do orgulho de ser negro; uma das maiores vitórias nossas foi essa coisa, esse resgate da pessoa começar a se assumir, não ter vergonha de ser negro, “eu sou negão”. Isso foi muito bom.

A. P. - E a relação com o movimento negro?

A.S. – Olha, rapaz, foi muito difícil no início, foi muito difícil porque é aquela questão de ciúme, de achar que as pessoas sempre ... eu nunca, até hoje, eu nunca me considerei, nunca me intitulei o grande, o papa do movimento negro porque apesar de eu ter consciência que hoje eu sou uma referência, um modelo a ser seguido. Agora teve aqui um evento aqui na Bahia - acho que foi dos policiais - tem um evento aqui que teve e um programa aprovado, o pessoal fazendo uma pesquisa aqui para escolher quem seria o novo Zumbi, mas eu fui o escolhido, o indicado pelo jovem como a referência daqui da cidade então você tinha muita

dificuldade porque o pessoal achava ... nós já fomos chamados de falsos africanos, de tocador de tambor, pelos próprios negros do pessoal do movimento negro, então as pessoas achavam que tinha que ser pelo político e não pelo pessoal, só que nós mostramos ao pessoal que só o fato de a gente criar um bloco desse já é um ato político, já foi um ato político e você faz o político junto com o cultural, porque se você fizer aqui reuniões do movimento negro só vão os mesmos, só iam os mesmos. Às vezes, tinham mais brancos do que negros nas reuniões, nos seminários onde tinham pesquisadores, e no bloco afro você faz na rua e você vê o apelo popular e ali você passa todas as informações. No início foi difícil, se eu parasse para eu falar, para alguém falar, dizer uma poesia, tomava vaia, mas nós fomos educando o pessoal. Hoje, você para qualquer pessoa aqui, para falar, para o ensaio, a festa, todo mundo presta atenção em tudo, presta atenção em tudo, está ligado em tudo que você fala, então se eu botar um político não tem negócio de vaia, não tem nada. Então o pessoal tem consciência, então aos poucos foi conquistando o pessoal e depois eles entenderam e hoje todo mundo vai ... têm pessoas que já foram assim inimigos ferrenhos do bloco afro, inimigos. Tem gente no movimento negro que não queria saber de candomblé, queria saber daquela coisa alienada, da alienação, que estava ligada com os poderes, hoje todo mundo ... é isso que eu falei da dificuldade de você ser de candomblé, hoje todo mundo é confirmado, todo mundo é ogã, todo mundo frequenta terreiro, e eu não digo nada, acho bom que eles assumam, nunca critiquei ninguém por isso, mas eu já tomei muita porrada aqui: “Ah! Você é uma pessoa porreta, mas tem um defeito: você é de candomblé!” Então eu já fui em um evento uma vez que ficou “quem vai falar? Quem vai falar primeiro? Quem vai falar primeiro é o Vovô.” Daí eu comecei a falar para o pessoal que nós tínhamos que trazer esse pessoal mais novo para cá, porque às vezes tem entidade que tem um bom trabalho, mas você não conhece pelo fato de não ter visibilidade, só que já tinha uns garotos lá com um discurso já preparado para dar um pau em mim. Nem eu falando essas coisas aí o cara, “não, porque esse negócio de tocador de tambor, esses falsos africanos, porque negro tem em todo lugar”. Aí eu fiquei olhando para a cara do cara e disse: “Você é maluco, você é maluco? Você prestou atenção no que eu estou falando aqui que tem que dar?” Porque às vezes tinha encontro de movimento negro que as pessoas eram chamadas pelo prestígio, é bom negro ser ... tudo bem, eu concordo, mas às vezes você é convocado, bota seu nome, às vezes para poder facilitar no financiamento, e às vezes você tem uma contribuição muito boa para dar, mas você não é chamado porque ninguém te conhece, você não tem muita notoriedade, é bom estar os históricos, mas também

tem que dar, deixar oportunidade para as pessoas mais novas, mas o cara já veio... aí eu dei um chega para lá nele: “Rapaz, mas você tem essa história no movimento negro mesmo. Se eu for lá na sua comunidade mesmo o pessoal não vai nem olhar para sua cara. Se for eu, Bujama, os caras aqui conhecidos, não vai nem olhar para sua cara, está!”. Chega lá, mestre, é a mesma coisa aqui que eu falo para o pessoal que eu nunca fui pedir nada pessoal para mim, sempre fui preocupado com o coletivo. Eu acho que vem, vai ficar bom, vai ficar bom para todo mundo. Às vezes nós ficamos observando os artistas negros, o pessoal que está aí, que já estão numa situação mais privilegiada, e que não se preocupam com nada, mas eles esquecem que nunca vão deixar de ser negros, entendeu? Na hora que o bicho pegar o cara vai lembrar que ele é negro, às vezes ele é retaliado, mas ele prefere achar que não, fazer vistas grossas, quando o resultado vem, vem para todo mundo, principalmente para eles que estão mais no topo, mas eles esquecem que teve o pessoal na vanguarda que veio há muito tempo atrás, aí eu ... hoje essa turma que a gente chama de geração PTA que já encontra tudo pronto.

V.A. – O que que é PTA?

A.S. – Não, é o que nós chamamos aqui o pessoal que a gente ia para esses encontros, reuniões ...

V.A. De ônibus, não é?

A.S. Você não sabia onde ia dormir, onde ia comer...

V.A. – Está certo.

A.S. – Hoje os meninos daqui, o Ilê vai viajar ele já está, ele já chega aqui já tem o carro esperando, *Topic* leva para o aeroporto, já vai sabendo em que apartamento vai ficar, com quem vai ficar, já recebe a coisa na mão, o ticket. Aí você ... geração PTA é muito bom, aí, não é, quer tirar onda ...

V.A. – Acho que a gente tem que trocar aqui, só um instantinho. Eu tenho duas perguntas mais, se for possível.

[FINAL DO DISCO 1]

V.A. – Uma pergunta, acho que é muito simples: de onde vem o nome Vovô?

A.S. – Vovô vem da Escola Parque.

V.A. – Ah é!

A.S. – Quando eu entrei na Escola Parque, acho que já tem a ver comigo. Eu sou de Oxalá, meu jeito de ser. Mas eu fui ... estava chovendo um dia, eu fui de paletó, não tinha blusão, mas a gente achou um paletó, eu fui de paletó, aí os caras começaram a chamar de “velho”, “meu avô”. Isso deu até briga depois, porque depois como eu fiquei muito conhecido, mais conhecido como Vovô do que como Antônio Carlos e depois ficou disputando quem ... até hoje encontro pessoas aí: “Ah! Fui eu que botei o nome dele de Vovô”. Mas na verdade quem começou a me chamar de Vovô foi um cara chamado Macaco, Zé Carlos.

V.A. – Zé Carlos?

A.S. – Aí que começou a me chamar de Vovô. Depois um outro Sedir, sergipano. Sedir que encarnava mais, mas quem começou a me chamar de Vovô foi Zé Carlos, que é apelidado de Macaco, mas isso foi quando eu tinha nove anos. No início minha irmã brigava muito porque ela estudava comigo lá, mas não teve jeito, não. Os professores, todo mundo me chamando, me chamam até hoje de Vovô.

V.A. – Professores de lá da Escola?

A.S. – [Riso]. É, lá também me chamavam de Vovô.

V.A. – O Senhor ainda os encontra?

A.S. – Encontro, sim. No dia que eu fiz cinquenta anos o pessoal preparou uma festa surpresa para mim, que foi uma festa muito grande, teve dois dias de festa que foi em um ginásio aqui, em um espaço, em um teatro, depois no outro dia foi aqui, aí na casa de minha mãe, depois teve apresentação. Aí cantaram a música que eu gosto mais.

V.A. – Qual?

A.S. – É uma música que fala meu jeito de ser e aí fizeram também gravação de flauta e os ... e fizeram um clipe com depoimentos de minha turma de infância, o pessoal do Vitorinha que era um time que a gente tinha aqui no Curuzu, pessoal da época dos passeios e até ... o cara que me vende peixe, o barbeiro de quando eu faço, de quando eu fazia barba, aí colocaram também uma professora minha, a professora Haydée, que era uma professora que implicava muito comigo, o pessoal dizia que ela me protegia, uma negona e ela falando muito sobre essa ...

V.A. - Ela era professora na Escola Parque?

A.S. – Na Escola Parque, foi minha professora.

VA – Negra ela?

A.S. – Negra.

V.A. – Havia outros professores negros?

.S. – Existia, havia sim e ela falava negócio de que eu não gostava, que eu não era bom de leitura, que eu sempre falava meio embolado, mas que eu era bom em Matemática, tirava a prova dos nove, esse negócio, muito legal [riso]. Professora Haydée...

V.A. – E essas excursões, não tinha nada a ver com a Escola em si, era uma iniciativa de vocês aqui?

A.S. – Não, era a gente mesmo, nós que fazíamos. Na Escola Parque fazíamos essas excursões. Teve um ano ...

V.A. – Não entendi. Era a escola ou eram vocês?

A.S. – Não, nós, os alunos da Escola. Nós, alunos, que promovíamos. Teve uma época no ginásio que era uma professora de História. Aí, também negona, também se envolveu, participava junto com a gente, mas foi iniciativa nossa mesmo, tanto na Escola Parque quanto aqui no Curuzu.

V.A. – Eu queria voltar àquela cartilha do Ilê. Quer dizer eu queria saber um pouco qual que era a rotina lá em 1973 preparando para o carnaval de 1974, como que era, o que tinha que fazer para fazer um bloco afro, quantos ensaios? O que você tinha que cuidar?

A.S. – Não, não tinha essa coisa de ... teve muito pouco tempo no primeiro ano, então você não tinha espaço, primeira coisa que nós fomos fazer foi procurar a Federação de Couro carnavalesco para se filiar; seu Arquimedes, que faleceu, que era o presidente da Federação, nos orientou e fomos preparar recibo de ficha de inscrição, essas coisas todas, porque a gente não tinha nenhuma experiência nisso. Fomos buscando, as pessoas não tinham conta em banco, as pessoas pagavam aqui na casa de mãe; vinham, pagavam, a gente saía, comprava o pano, chegava mais gente, comprava mais pano, então para chegar nessa coisa de impressão já foi no segundo ano. No segundo ano nós já saímos, já tínhamos já o tema definido, o Watutsi falando sobre Ruanda-Burundi, nós não tínhamos instrumentos, começamos a comprar os instrumentos, tomamos os instrumentos emprestados de outro bloco, emprestamos o nosso no domingo para eles, eles emprestaram o nosso na segunda-feira, no sábado. Tinha esse tipo de coisa, mas você vai aos poucos aprendendo, se modernizando, tentando facilitar as coisas, mas ficamos um tempo trabalhando assim com carnê, com cobrança em casa. Mas nós também não demoramos muito para ter conta em banco. O bloco aqui sempre teve conta, conta no HSBC aqui na Liberdade, sempre fizemos estatuto, ata, aquele negócio todo, o bloco sempre foi regularizado. Então começamos a ensaiar no largo do Curuzu na lavanderia e ensaiava dia de domingo, depois mudou para sábado, alugamos

um terreno aqui na Ladeira onde o ensaio ficou realmente, chamava Senzala do Bairro Preto. O ensaio sempre foi no dia de sábado, já passamos, depois ficamos um período de dezesseis anos ensaiando no Santo Antônio, na antiga casa de detenção lá, o ensaio não era muito concorrido porque as pessoas não gostavam de lá, porque o Ilê tendo o Curuzu, também é um lugar assim meio pesado, foi um lugar de detenção, foi forte, foi lugar de preso político, já morreu muita gente, então não tinha aquele astral.

V.A. – Energia.

A.S. – Energia, mas você vai aos poucos, você vai, a gente fazia um festival de música, começamos a fazer, a gente chamava música tema, música de quadra, depois com o tempo nós chamamos, mudamos para música poesia. Depois, nos anos 1980, nós criamos a Noite da Beleza Negra. Sempre tinha o concurso de beleza, mas não tinha nome. “Ah, escolher a rainha do Ilê”. Depois que nós chamamos, em 1980 que começou a chamar Noite da Beleza Negra do Ilê Aiyê. Aí foi o maior rebuliço na cidade também, uma coisa que nunca aconteceu aqui. Fizemos num clube comercial na Avenida Sete. O clube parecia que ia desabar quando a gente passava assim porque de tanta gente. Isso mexeu, o bom que mexeu com o ego das mulheres, então hoje é uma festa assim, têm várias pelo Brasil, mas a festa aqui é uma festa muito concorrida.

V.A. – Começou em 1980, não é?

A.S. - É. Não, começou antes, mas oficialmente com esse nome em 1980.

V.A. - Antes era outro nome?

A.S. – Não. Era a escolha da Rainha do Ilê, não tinha.

V.A. - Está. Rainha do Ilê.

A.S. – Desde o primeiro ano que tinha. Noite da Beleza Negra. Aí você vai criando um calendário. Agora que eu falo porque todo mundo que veio depois aí já fez festival de música

semelhante ao do Ilê Aiyê, com dois tipos de festival, um de música tema, outro de música poesia, o concurso de beleza, todo mundo tinha dançarina, depois, com o tempo, eles tiraram. O Olodum tirou, o Muzenza faz, mas fraco, não conseguiu fazer. O Ara Ketu tirou, tirou dançarina assim porque na verdade o Ilê é um bloco que aqui funciona o matriarcado, então eu apareço, mas quem manda é mãe, as mulheres aqui têm uma diretoria. As mulheres são muito ativas, que brigam, e o bloco 60% dos componentes do bloco são mulheres. Aqui, sai mais mulher do que homem, tem muita mulher aqui arrimo de família que às vezes paga a do marido, paga a dos filhos porque nós temos bloco de criança, elas vêm e nós distribuimos as fantasias gratuitamente. Elas pegam as fantasias dos filhos domingo, vem todo mundo sair com os filhos; esses meninos também vão pegando o gosto quando crescem, aí tem que, quando está pequeno não, mas quando cresce têm que comprar carnê, e aí também nós fizemos essa coisa que os blocos não seguiram que nós somos o único bloco aqui afro que vende fantasia, os outros não conseguiram, começou negócio de dar fantasia e não tem e se você está querendo emancipação, participar de tudo, tem que parar com essa coisa de ficar com pena do negro, tem que fazer sua parte também. Não vai esperar pelo branco, pelo cara que está no poder porque ele não vai fazer nada por você. Você tem que buscar parceiro, recurso, porque é muito caro botar um bloco na rua, você tem tratamento que nem todo mundo, você paga os encargos, paga ISS, é tanta gente, tanto órgão envolvido com carnaval que você fica pirado, mais vigilância sanitária, o carro tem mil, tem um caderno com coisa de encargo para você pagar, se você não pagar não recebe aquele carimbo vistoriado, não vai para a rua, então a pessoa tem que fazer a sua parte também, então não tem esse negócio de ficar com pena, com ...

V.A. – As pessoas pagam mensalidade?

A.S. – Pagam. Nosso carnê aqui foi R\$360,00 então é bem mais barato que os blocos de R\$1.000,00; R\$2.000,00. R\$360,00 dividido de oito vezes, por opção vai pagando, mas o pessoal só paga mais no final, só deixa para cima, aí paga de cartão, paga de quatro, seis vezes, paga depois do carnaval.

V.A. – E além dos R\$360,00, a pessoa compra a fantasia?

A.S. – Não, ele paga os R\$360,00.

V.A. – É a fantasia?

A.S. – Ele não está só pagando a fantasia, mas ele está pagando, você tem que pagar além do custo da fantasia esse negócio todo: você tem trio, aluguel de trio, segurança que você tem, cordeiro e esse monte de encargo que você tem que pagar no carnaval... é ECAD, é muito, músicos, cantores, é muita coisa e bloco grande, quantas vezes nós já saímos aqui devendo e o bloco bonito, nego sem saber de nada, o bloco bonito e a gente ali rindo, não pode também baixar a bola para mostrar que está fraco, mas o bloco grande, às vezes já teve tempo até de você ter que dar fantasia mesmo para poder, a crise por conta aqui no país de você não conseguir vender, mas hoje você, mas tem que ter parceiros, mas a dificuldade hoje e sempre é você, a questão do racismo, que os caras, mesmo sabendo que nós consumimos tudo, não querem juntar o produto dele com a comunidade negra, só que ...

V.A. – Como assim que produto? Não entendi.

A.S. – Um mercado, um banco, companhia de veículo ...

V.A. – Sim. Fazer o patrocínio?

A.S. – Eles não querem patrocinar o bloco afro, querem patrocinar bloco de trio que tem gente bonita, branca, mas os caras esquecem de que nós somos maioria e nós consumimos tudo, então eu já vi aqui uma marca de geladeira dizer que não ia patrocinar um bloco afro porque não era o público-alvo dele. Qual é a casa que não tem uma geladeira, uma geladeira popular, não é? Só que aqui, não é, como não tem conflito para que eu vou, o pessoal tem atitude para isso. Mas o povo negro devia ter consciência de boicotar, mas isso a gente já tentou aí, vem tentando boicotar; você não se vê no produto, você não consome. O cara bota um desodorante que é só para mulheres loiras, então não é para mim, se eu for usar isso vai me dar coceira, então não vamos usar, vamos fazer isso. Todo mundo toma cerveja, qualquer boteco de periferia, todo mundo toma cerveja, mas só aparece imagem no Havaí, na neve; daqueles garotos ninguém toma cerveja mesmo, então para que você vai tomar essa cerveja?

Então esses shoppings aqui que têm muito negro trabalhando, só que no fundo, na frente você não vê uma negra trabalhando numa loja. Para que botar? Tem que ter coragem de começar a tomar – como nós chamamos – *black* atitude. [Pausa]

V.A. – Tanto os brancos quanto os negros.

A.S. – É, porque o problema não é só botar todo mundo. Todo mundo que diz que o que nós fazemos aqui é tentar envolver todo mundo, hoje já tem uma participação bem maior. Mas é porque ninguém é racista, não é? Ninguém é, “não, eu não sou racista”, mas quando o bicho pega: “Ah! Isso é com vocês, isso é com vocês, deixa lá!” Todo dia tem, eu fico observando pessoas negras que dizem que nunca foram discriminadas. Todo dia você é discriminado, eu perdi a conta de quantas vezes eu fui discriminado, as pessoas negam, ou então o cara acha que o problema é social, que você ascende socialmente, você deixa de ser preto, então eu não sei, não, como é que funciona isso - que eu vejo com o Pelé, com todo mundo aí; chamam logo de negro incompreendido, manda procurar o lugar... Não tem isso. Eu gosto quando eu vejo esses jogadores brasileiros, eu não sou contra esse negócio de relação inter-racial, acho que o cara é casado com uma branca, se tem o amor ... aqui no Ilê tem diretores que são casados com mulher branca. Tem até um início de conflito porque os meninos deles têm uns traços meio queimados, mas o cabelo meio alourado da mãe e na escola perguntaram ao menino o que é que você é. O menino: “sou negro!” A mãe ficou sem entender. Isso que eu falei: com uma nova formação, o menino não tem esses problemas e muitos casos desses você vai deixando os professores, o pessoal, meio sem saber como lidar com isso. Mas eu gosto quando eu vejo esses jogadores brasileiros que jogam na Europa; quer dizer, não é gostar, porque esse negócio de racismo é muito ruim, mas quando nego chama eles e mostra que eles são negros, que os caras ficam dizendo que não são, raspam a cabeça. O jogador outro dia - que o pai dele perguntou até se ele era maluco – dizendo que não era negro, mas quando toma as porradas ele ... Então o pessoal ascende e não frequenta mais os lugares da sua origem, não quer papo com os amigos de infância, começa a frequentar, eles têm que fazer tudo para se manter no topo o tempo inteiro, porque tomando as porradas deles lá, engolindo sapo, porque qualquer caída lá dele principalmente socialmente o povo de lá é perverso, já não perdoa, você não tem, você está fora.

V.A. – Você falou que quando você trabalhava no polo você ainda era solteiro, ganhava onze mil e tantos, não é isso? Você casou quando?

A.S. – Ah, o ano eu não me lembro, não. Essas perguntas assim difíceis. [Risos]

A.S. – Não me lembro não, mas eu tenho mais de vinte e cinco anos de casado.

V.A. – Aí tem filhos?

A.S. – Tenho, não tenho filhos com a mulher que me casei, mas eu tenho filhos. Eu tive outros filhos fora do casamento.

V.A. – E são quantos?

A.S. – Ih! Outra pergunta difícil! Deixa esse negócio para lá! [Risos]

V.A. – Ih! [Risos]

A.S. – Mas eu tenho filhos. [Silêncio]. Eu tenho dois filhos gêmeos, [pausa] tenho uma filha que morava no Rio também, Evelita...

VA – Eles participam do Ilê?

A.S. – Participam. Participam, eu tenho dois que trabalham aqui. Um trabalha na parte administrativa, o outro trabalha também, é instrutor da Banda Erê e é músico também.

V.A. – Você queria perguntar alguma coisa sobre a rainha do Ébano, alguma coisa assim?

A.P. – É. Como é que é. Na verdade, você tem materiais aí sobre essa história da beleza negra, da rainha de ébano.

A.S. – Rapaz, essas coisas eu acho que no *site* tem. Eu vou te dar um material aí, nós temos um material que fala um pouco sobre tudo isso. Está em Português, Inglês e Espanhol. Mas essa coisa, mas dia de semana que você vai conseguir mais material, porque o pessoal aí da biblioteca está tudo fechado.

A.P. - Está certo. Por mim está ótimo.

VA - Está bom. Quer falar mais alguma coisa?

A.S. - Não. Quero agradecer a oportunidade e espero que eu tenha contribuído com o trabalho de vocês aí.

V.A. - Muito!

A.P. – Sem a menor dúvida!

V.A. - Muito obrigada, eu vou desligar aqui.

[FINAL DO DEPOIMENTO]